

## ENTRE HORTAS URBANAS E VOZES DISSONANTES: LEITURAS EM AVESSO

Gabriela de Sousa Tóffoli<sup>1</sup>  
Kátia Maria Kasper<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto alinhava experimentações, trajetos de uma pesquisa, composições. Leituras de uma cidade em devir. Olhar desfocado, borrado e escritas-ecos, alargando brechas, entre hortas urbanas, vegetais, vozes dissonantes. Cartografando (ROLNIK, 2007) a criação de modos de vida minoritários.

Este texto alinhava trajetos de uma pesquisa de mestrado, em andamento, que investiga hortas urbanas em Curitiba, cartografando (ROLNIK, 2007) a criação de modos de vida minoritários. Leituras de uma cidade em devir. Olhar desfocado, borrado e escritas-eco, alargando brechas.

Entre hortas urbanas, vegetais, vozes dissonantes. Diversos elementos e linguagens em composição. Do perambular pela cidade, em companhia de inutensílios, ao cenário inventivo das hortas, afetos ressoam e trazem à tona reivindicações de singularidades, insinuando outros modos de existência.

Experimentações urbanas de re-existência. Nas calçadas, inservíveis objetos, cacos que se abrem em possibilidades; potência onde antes não se via nada. Preparar o olhar para o inútil, como proposta de trajeto, leitura e escrita, como terreno fértil para um exercício do pensamento.

No espaço entre, movimento, aproximação e distanciamento que provoca um efeito outro, escapante, na cidade e suas (in)utilidades. Os mecanismos de produção de subjetividade moldam o cotidiano e, no entanto, algo em nós apela à inutilidade, ao devaneio, ao perambular, ao ócio, como processos de re-existência.

Costurar, perfurando um mapa da cidade de Curitiba. Caminho das hortas. Costura-chão, colo. A agulha perfura, insinuando trajetos outros. Costurar. Ato que ressoa na pesquisa. Caminhos recriados, em composição, leituras em avesso. Caosmose (GUATTARI, 1992).

A majestade, o sabiá: uma grande horta em bairro periférico. Novos encontros. Uma mulher... Vento balançando o lenço nos cabelos. Enxada que revolve a terra. Som, buraco, alimento. Minhocas. O sabiá. A mulher, um lenço, o homem de chapéu, eu e o sabiá, caminhamos por entre folhas gordas, confrei, arneira, losna, cânfora, hortelã-industrial. Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. *Ela veio aqui para ver os seus remédios.* Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. *Se plantar um do lado do outro eles casa.* Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. *É pomada para ferida brava.* Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. *Se eles pedissem, eu dava.* Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. *Tem pra todo mundo.* Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. *Eu vim lá do Norte.*

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná. E-mail: [gabrielatoffoli@gmail.com](mailto:gabrielatoffoli@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná: E-mail: [katiakasper@uol.com.br](mailto:katiakasper@uol.com.br).

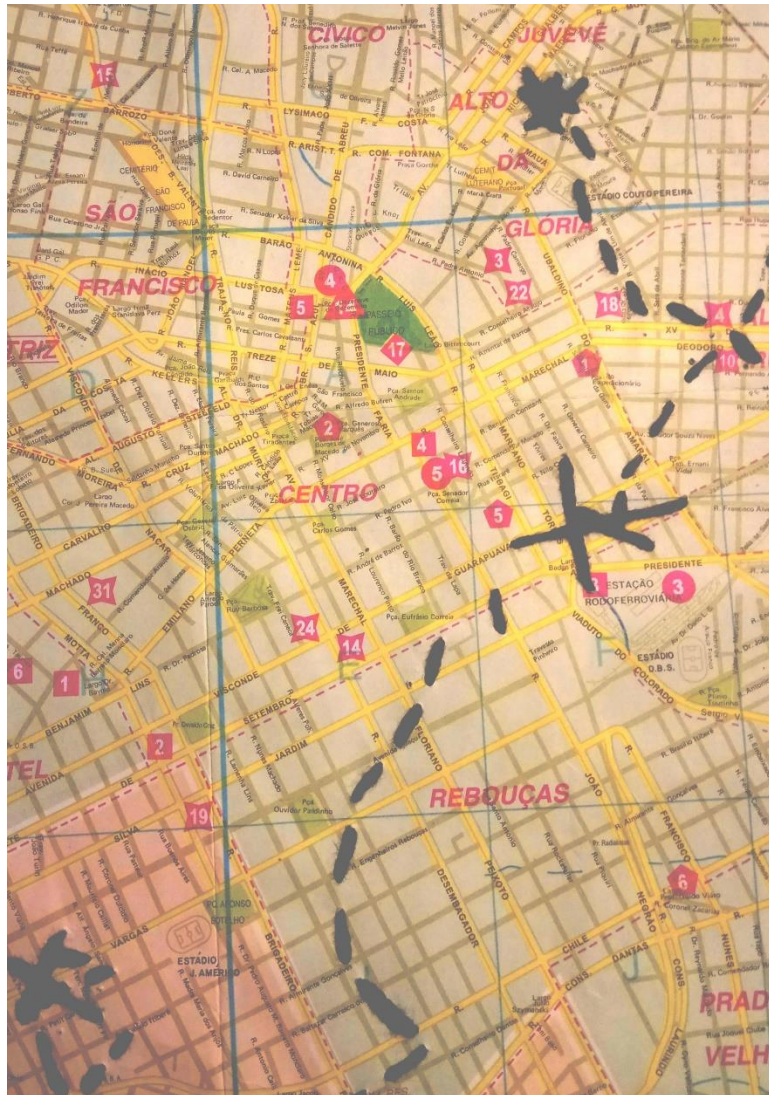


Figura 1. Fotografia de Gabriela Tóffoli, sem título, 2017.

\*\*\*

Quantas vozes ressoam em uma pesquisa? Como escutá-las e compor com elas? Na escrita de um texto experimentar conversas ainda sem língua, falar com aliados e propor leituras outras.

\*\*\*

Cacos, inutensílios e uma atenção cultivada. Perambular pela cidade em busca do que está na sarjeta. Utilidades invertidas e colocadas em xeque. Coloca em suspenso também as questões de pesquisa. Poéticas da demolição. O que se desmonta durante este processo e pede atenção aos cacos que sobram?

\*\*\*

Adensar – ode ao múltiplo

Nas hortas urbanas encontro com intensidades tantas. Passeio com pessoas, sabiás, entre plantas, insetos, minerais, lama. Descubro com a chuva pingando do meu nariz como desbastar babosas com as mãos. Cheiros. Sensações.

O desafio da escrita que diga de todos e com todos. Colocar para conversar. Manoel de Barros, Leminski, o Sabiá, Dona Jasti, o Jacu, Deleuze e Guattari e vegetais na mesma mesa?

Almoço de Domingo.

Costurar trajetos num mapa e produzir fissuras. Brechas por onde escapa a certeza, o significado e as determinações. A agulha perfura as imagens, desrespeitando bordas, rios, fronteiras e avenidas, forjando trajetos outros, produzindo marcas no corpo da pesquisadora.

Costurar. Ato que ressoa. Caminhos recriados, leituras invertidas, avesso. Linhas que se sobrepõem, entrelaçam, escrita-nó. Deixar decantar para que as conexões aconteçam.

\*\*\*

Re-mediatar – alquimias quando o outro chega

Ganhar ervas medicinais do Seu Paulo, como um presente. Guardá-las com cuidado e acompanhar de-composições. Atenta para o que se decompõe também na escrita e no pensamento, produzindo ecos. Micro vidas que constroem colônia. Rizoma.

Inventário botânico afetivo.

\*\*\*

Processos de uma pesquisa que busca acolher o que chega. Com Rolnik, dar espaço aos afetos que pedem passagem. Com Deleuze e Guattari, escrever a n-1. Tudo traz à tona reivindicações de singularidades, insinuando outros modos de existência.

Escrever cartas aos aliados, que não serão entregues. Fora das funções e utilidades ampliam-se as linhas de fuga. Que língua é preciso forjar?

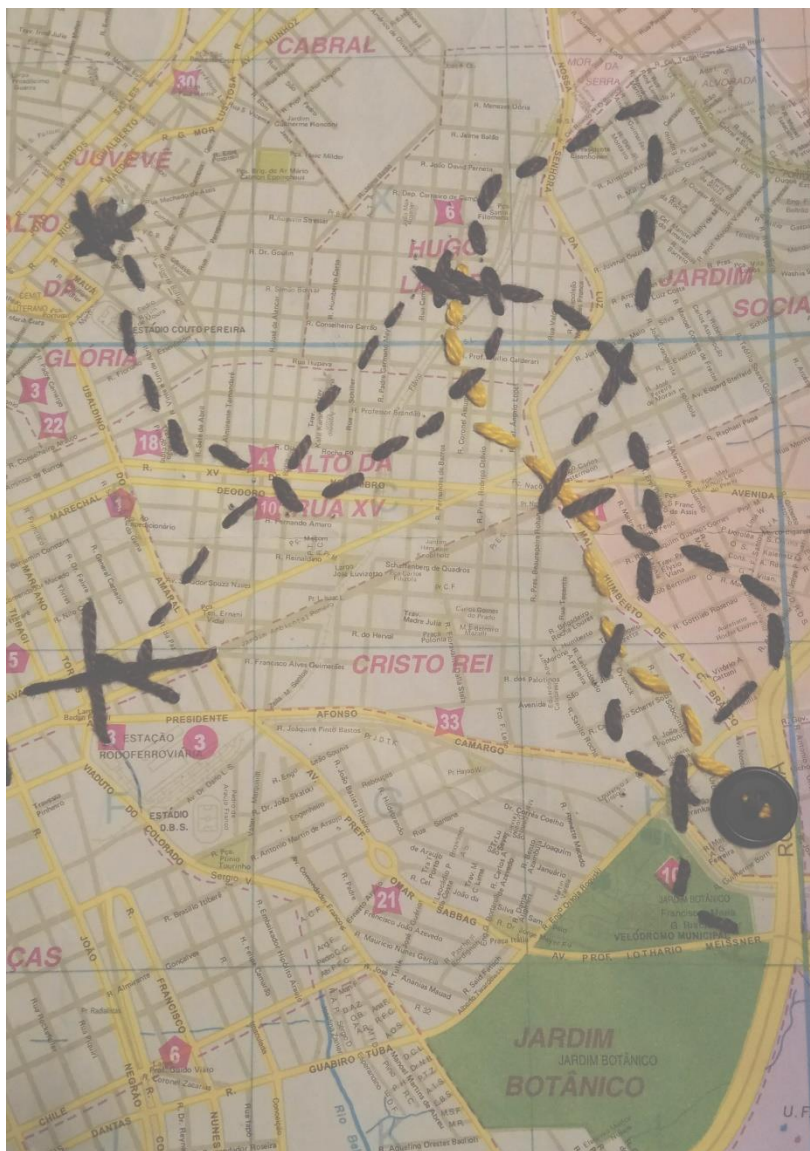


Figura 2. Fotografia de Gabriela Tóffoli, sem título, 2017

\*\*\*

Falamos com quantos numa pesquisa?

## Cartas aos aliados

Compor, propor outras conexões, produzir rotas de fuga para aquilo que já vem pronto, depurado, digerido. Digestão, movimentos peristálticos, o alimento que apodrece dentro do próprio corpo, digerir. Deixar apodrecer, a fala, a certeza, a convicção, a certeza e o conceito. Uma ideia de pesquisa. Confiar no processo, aprendizado lentamente experimentado e compartilhado.

Curitiba, Março de 2018.

*Você chega assim, ou sou eu que chego. Chegar e ir. Os dois convivem num tempo que se abre pros encontros. Me presenteia, todas as vezes em todos os encontros. Hora são histórias rememoradas do seu passado, outras só sua presença me produz alterações. Na maioria delas, portanto, você me dá suas plantas. O seu cultivo. Cozinho, refogo, divido com quem está próximo. Você vem no cheiro. Nas risadas e na minha alegria em esquentar tudo isso em água quente. Você continua na energia e vitaminas no meu corpo. Sua mão passa pela terra, pela semente, pela água e pela enxada e chega na minha casa, quase que como espiando o que vou fazer com tudo aquilo. Sua fala é agachada. Em certo momento, se curva e cata pedaços dos seus remédios enquanto me conta o que sabe sobre eles. Eu aceito. Guardo no caderno com cuidado, ao lado das anotações e receitas medicinais. Algumas vem por suas mãos, outras você relembra do Norte do Paraná e se queixa de não tê-las por perto. Sinto tudo isso organizando em mim. Guardo ou como o que me dá. Seus pedaços. Algum tipo de antropofagia? Você sempre me provoca.*

Curitiba, 23 de Maio de 2018.

*Povo do corpo, do movimento, povo de colocar os pés na frente e trás. Ao mesmo tempo. De cavar buracos e propor margens in-habitáveis. Rua da Paz. Onde anda esse corpo? Onde anda a canção que se ouvia da noite? Sugestão: Um corpo é muito mais do que um eu. E um eu já é coisa por demais por aqui. Aquelas pernas se contorcem, dobram, esticam, vão para debaixo dos joelhos. Da outra perna. Aqueles pescoços são roldanas muito bem lubrificadas. Apropriadas. Algo atípico no ar. Cheiro de Capim Alguma Coisa. Cheiro que eu lembro de quando me fazem chá. Cheiro de infusão qualquer. Fumaça gustativa. Eu que bem gosto de tudo. Pés. Pernas. Joelhos. Pescoços. Capim.*

*Fumaça*

*Evaporam os membros. Apenas se escreve com outra qualquer coisa que não seja isso. Pés. Pernas. Joelhos. Pescoços. Capim*

*Fumaça*

*Escreve um Corpo sem órgãos? Dissolução. Letras. Fios. Máquina. Palavras em movimento. Saliva. Cartas de amor. Insensata proposição. Agora são Pés. Pernas. Joelhos. Capins. Fumaças*

*e o amor.*

Curitiba, Junho de 2018.

*Fico aqui boquiaberta, quando recebo seu livro e como naquelas brincadeiras de criança abro-o como que num oráculo. Suspendo. Respiro fraca e descompassada. Inutensílios chama seu*

*capítulo. Estamos conversando à distância me parece. Você me sonda? Por hora sinto que estabeleço diálogos incomuns com algumas músicas, imagens, poesias, com a terra e até com sabiás. Todos me interpelam. Escrever com aliados? Escrevo a n-1? Multiplicidade que se desenvolve e se compõe sem controle algum. Fiquei de certo assustada, admito. As mesmas palavras? De quem são as palavras? Dupla-captura que vai escoando até não encontrar nenhum início ou haste principal, que não tem origem e nem finaliza. A utilidade pelo visto assombra mais do que eu supunha, ingenuamente. Utilidade que interrompe a criação. Por isso encontro com vocês nas artes? Tenho vontade de pensar e falar sobre isso também em outros contextos e sensibilidades. O seu livro tem um quê de manuseado. Folha de jornal fina que ao toque um pouco mais agressivo se desfaz e constrói outras frases e sentidos. Te digo que senti vontade de rasgá-lo. Li algo assim que você escreveu e quero dizer com a minha voz para ver como te soa:*

*“Coisas inúteis (ou “in-úteis) são a própria finalidade da vida. Vivemos num mundo contra a vida. A verdadeira vida. Que é feita de júbilo, liberdade e fulgor animal. Cem mil anos-luz além da utilidade, que a mística imigrante do trabalho cultiva em nós, flores perversas no jardim do diabo, nome que damos a todas as forças que nos afastam da nossa felicidade, enquanto eu ou enquanto tribo. A poesia é o princípio do prazer do uso da linguagem. E os poderes deste mundo não suportam o prazer.”*

*Ps. Tinha te copiado nas aspas e incluído algumas palavras em negrito para supor minha entonação. Desisti. Melhor deixar assim para ver como nossas vozes funcionam juntas.*

## Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

GRESTA, Ayla. In-cômodo. *Revista metaGraphias: Coordenadas Vagabundas*. Unb. Brasília, dez. 2015.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix. *Caosmose um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ROLNIK, Sueli. *A hora da micropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

ROLNIK, Sueli. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina: Ed. UFRGS, 2007.

ROLNIK, Sueli. Corpo-cidade. *Revista Redobra*, Bahia, nov. 2010. Entrevista com Pedro Britto.

SILVA, Lídia Pereira. *Dos quintais às ruas: estudo de implantação de hortas nos vazios urbanos de João Pessoa como parte da infraestrutura verde*. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil e Ambiental) – UFPA, João Pessoa, 2016.